

## A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE, UMA PERSPECTIVA MUSEOLÓGICA E DE GÊNERO

Livia Maria Baêta da Silva<sup>1</sup>

Orientadora: Joseania Miranda Freitas<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho faz parte de um projeto maior, o de *Implantação de um novo Setor no Museu Afro-Brasileiro, o Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira*, no qual pesquisamos sobre as perspectivas museológicas e de gênero na Irmandade da Boa Morte, instituição criada no início do século XIX por um grupo de mulheres negras, período em que existiam outras irmandades de homens brancos, mulatos e pretos, mas nenhuma formada exclusivamente por mulheres negras. Nesta, elas tinham total liberdade para decidir, organizar e reinar nas festividades. Muitas igrejas realizavam missas e procissões, mas nenhuma fazia tão bem como a Igreja da Barroquinha, onde elas estavam. Em 1820, presumivelmente, a Irmandade da Boa Morte instalou-se em Cachoeira. A partir da criação desta Irmandade foi criado o primeiro Terreiro de Candomblé, Iyá Omi Axé Ayá Intilá, numa casa ao fundo da Igreja da Barroquinha, após sofrer perseguições por parte das autoridades, fixou-se no bairro da Vasco da Gama, com o nome de Ilê Iyá Nassô Okó, conhecido como Casa Branca; a partir de 1920, deu origem a mais dois Terreiros: o Ilê Axé Opô Afonjá, em São Gonçalo do Retiro e o Ilê Iyá Omim Iyá Massê, na Federação, conhecido como Gantois.

**Palavras-Chave:** Gênero, Patrimônio, Memória Afro-Brasileira.

---

<sup>1</sup> Bolsista do PIBIC/CNPq/UFBA, estudante de Museologia da UFBA. E-mail: [liubabaeta@yahoo.com.br](mailto:liubabaeta@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFBA/Museu Afro-Brasileiro. E-mail: [joseania.freitas@uol.com.br](mailto:joseania.freitas@uol.com.br)



A confraria secular, conhecida como Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, formada unicamente por mulheres negras, nasceu em meio a uma sociedade escravista instável, quando a cidade do Salvador contava com uma população de aproximadamente 65.500 habitantes divididos em grupos sócio-ocupacionais, com constantes explosões de revoltas populares antilusas, sendo a principal delas a revolta dos malês em 1835, segundo Reis (2003, p. 27). Até hoje a confraria mantém vivos elementos da cultura afro-brasileira, tais como: rituais da religiosidade, oralidade, indumentária, culinária, música, dança, dentre outros; sua origem não se pode precisar exatamente, no entanto, Tavares (1964, p. 335) remonta aos anos de 1820, na Igreja da Barroquinha em Salvador, resistindo, portanto, há quase dois séculos. A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, desde sua criação teve, e continua tendo, como objetivo principal, a devoção e o culto a Nossa Senhora, e ainda outros objetivos em segundo plano, tais como: a prática de empréstimos e auxílios financeiros, doações e, principalmente, a compra de alforrias para os escravizados; em casos de falecimento das associadas, a Irmandade se responsabilizava pelos sepultamentos e missas. Das atividades arroladas, a única que não se aplica à contemporaneidade é a compra de alforrias, no mais, elas continuam preservando, através dos seus rituais, a memória de seus antepassados africanos.

É importante destacar que a participação das irmãs nas festividades religiosas do período colonial era marcante, no sentido da organização e nas celebrações periódicas das missas, (Reis, 2003, p. 332). A formação e os objetivos da Irmandade da Boa Morte se aproximam de outras irmandades de cor, formadas na mesma época, no entanto, esta é a única na qual as mulheres reinam por completo.

Durante a sua formação e legitimação na sociedade baiana, as irmãs sofreram preconceitos: de cor, gênero, econômico, dentre outros. Estando numa sociedade, marcadamente patriarcal e machista, essas mulheres lutaram e negociaram para se firmar, conseguindo mostrar seu trabalho nas organizações das festividades a Nossa Senhora e nas conquistas de seus objetivos, através de sua força e coragem. Vale destacar que Verger (1992, p. 101) fala da Irmandade da Boa Morte como preservação do espírito de iniciativa



que as mulheres nagôs tiveram na África, relacionado às atividades de direção e administração.

No período colonial existiam outras irmandades ligadas à Igreja Católica, em sua maioria, formadas por homens brancos, mulatos e pretos, e dentre essas irmandades de pretos, ainda vigorava a subdivisão por etnias de origem: a dos jejes, dos nagôs e dos angolanos, (Reis, 1991, p. 55), porém não era comum uma irmandade unicamente formada por mulheres negras, escravas, ex-escravas e libertas. Nas demais irmandades, quando haviam mulheres na sua composição, essas tinham uma participação bem menor em relação aos homens. Cabia-lhes apenas a organização das festividades religiosas da Igreja Católica, a participação nas mesmas e os serviços de caridade aos irmãos necessitados, (Reis, 1991, p. 58). No caso da Irmandade da Boa Morte, as mulheres tinham total liberdade para decidir e organizar as festividades, já que os homens não faziam parte da composição do grupo religioso. As mulheres da Irmandade eram também conhecidas como *negras de partido alto*, por se destacarem na chamada “[...] elite social africana na Bahia” (Nascimento; Isidoro, 1988, p. 16).

Relacionando a criação da Irmandade da Boa Morte, de caráter católico, ao universo religioso afro-brasileiro, é possível encontrar laços comuns que remetem aos ritos de morte e vida, laços que remetem às Iyabás do Candomblé ligadas à morte e à vida: Nanã e Iansã, Yemanjá e Oxum, que têm um ponto semelhante à Morte e à Assunção de Nossa Senhora. Com a formação da Irmandade da Boa Morte, registra-se também a criação de um dos primeiros Terreiros de Candomblé do Brasil, ligado à Irmandade, por ter sido criado “[...] pelas mulheres adeptas da confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, [...], e por um homem adepto da confraria de Nosso Senhor dos Martírios, [...]” Verger (1992, p. 113), o *Iyá Omi Axé Ayá Intilá* em homenagem a Xangô, numa casa ao fundo da Igreja da Barroquinha, que, abrigava reuniões políticas e manifestações de toda ordem, Nascimento e Isidoro (1988, p. 16). Após sua fundação, este Terreiro sofreu várias perseguições por parte das autoridades civis e eclesiásticas, percorrendo algumas localidades soteropolitanas, fixando-se no bairro da Vasco da Gama, com o nome de *Ilê Iyá Nassô Okó*, atualmente conhecido como Casa



Branca. A partir de 1920 este Terreiro deu origem a mais outros dois: o *Ilê Axé Opô Afonjá*, em São Gonçalo do Retiro e o *Ilê Iyá Omim Iyá Massê*, na Federação, conhecido como Terreiro do Gantois. As líderes desses Terreiros faziam parte da Irmandade da Boa Morte.

Nos processos de registro da história oficial, muitas mulheres passaram ao anonimato, ainda assim, importantes nomes resistiram ao esquecimento, tais como: Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata; Eugênia Anna dos Santos, conhecida como Mãe Aninha; Maria Bibiana do Espírito Santo, conhecida como Mãe Senhora; Satira; Juliana; Sabina; Caetana; Maria José; Apolinária; Justiniana; Xandinha; Zina; Maria de Melo; Sinhá Abale; Maria Agda de Oliveira; dentre outras; Nascimento (1998, p. 14). Baseadas nas histórias de vidas das mulheres que no passado mantiveram a Irmandade, as atuais irmãs continuam preservando a cultura material e imaterial afro-brasileira.

Ainda no século XIX a Irmandade da Boa Morte expandiu-se para o Recôncavo, instalando-se na então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, (Nascimento, 1998, p. 14), junto com o crescimento do Recôncavo, principalmente o crescimento econômico da Vila, e de seu porto, que era um dos principais da Bahia na época, de onde chegavam e saíam mercadorias de várias partes do mundo, principalmente escravos vindos de diferentes nações africanas. Em Cachoeira, primeiramente, a Irmandade se instalou numa casa conhecida como Casa Estrela de número 58 e, tudo indica, que esta casa pertencia a uma *lendária* senhora africana por nome Karoxa, (Nascimento; Isidoro, 1988, p. 22). A casa recebeu esta denominação por conta de um Exu assentado na porta de entrada, em forma de uma estrela, pertencente provavelmente, a uma das mulheres com vínculos com a Irmandade e o Candomblé de Bogum, (Nascimento, 1998, p. 15-16). A partir das atividades realizadas nessa casa foi formado o primeiro Terreiro de Candomblé de nação Jeje-Marrim que é um dos poucos com essa denominação, na atualidade, existente no Brasil, sendo este, parte do Candomblé de Bogum do Engenho Velho da Federação em Salvador.

A festa de Nossa Senhora da Boa Morte acontece sempre no mês de agosto, mais precisamente nos dias 13, 14 e 15, que são os dias em que se celebram a Morte, o Velório e



a Assunção de Nossa Senhora, numa adaptação do calendário cristão que comemora a Assunção de Nossa Senhora no dia 15 de agosto. Marcada por missas e procissões, esta festividade remonta ao século IV d.C., em Antioquia, (Costa, 2002, p. 13). Desde então, essa cultura Oriental passou rapidamente para o Ocidente chegando ao Brasil no fim do século XVIII e início do século XIX. A festa de Nossa Senhora da Boa Morte era a mais disputada da Igreja Católica; muitas igrejas realizavam missas e procissões, celebrando-se a festa no dia seguinte, mais nenhuma fazia tão bem como a capela da Barroquinha, com o mais extenso percurso, a mais concorrida e a mais aparatosa apresentação, (Campos, 2001, p. 358-359), sendo organizada durante anos pela Irmandade do Senhor dos Martírios da Barroquinha, e que depois passou a dividir a organização da mesma com a Irmandade da Boa Morte, que a priore era um grupo de mulheres negras devotas a Nossa Senhora da Boa Morte.

A organização das festividades começa meses antes, momento em que as irmãs se preparam para a dedicação total a Nossa Senhora, procurando dividir as tarefas entre si. No primeiro dia da festa acontece a missa do Velório na Capela da própria Irmandade, onde as irmãs velam Nossa Senhora e lembram as irmãs e parentes já falecidos, e logo após oferecem a ceia branca, quando são utilizadas comidas sem a presença do azeite de dendê. Neste dia as irmãs usam o traje branco, simbolizando o luto na cultura afro-brasileira. No segundo dia, acontece a missa de corpo presente e segue a procissão ou cortejo fúnebre pelas ruas de Cachoeira, com as irmãs vestidas nos seus trajes de gala. No terceiro dia, é realizada a missa e a procissão da Assunção de Nossa Senhora da Glória pelas ruas de Cachoeira, com as irmãs usando o traje de gala, mas deixando à mostra a cor vermelha, simbolizando a alegria e a glória de Nossa Senhora e usando grande quantidade de jóias. A procissão é acompanhada por milhares de visitantes e com intenso foguetório. Logo após a procissão a Irmandade serve, na sua casa-sede uma feijoada acompanhada de samba de roda, “tudo numa mistura místico-profana peculiar do sistema religioso”, (Nascimento; Isidoro, 1988, p. 29). Neste dia Cachoeira recebe milhares de turistas, principalmente afro-estadunidenses, além de outras Irmandades, das comunidades circunvizinhas e da capital,



para prestigiar essa prática cultural, que preserva elementos importantes da memória afro-brasileira.

As irmãs da Boa Morte, mesmo em face das variadas mudanças culturais, sócio-econômicas e religiosas, continuam encontrando razões para sua existência e função social, mantendo sua tradição com força e beleza, preservando traços característicos das memórias ancestrais. A dinâmica associativista que remonta às associações femininas na África, se constitui num importante elemento para sua própria sobrevivência na sociedade brasileira; contando atualmente, com pouco mais que duas dezenas de mulheres. No início a Irmandade contava com mais de duas centenas, mas em consequência da dinâmica social essa Irmandade foi perdendo adeptas.

A Irmandade da Boa Morte ao longo dos tempos vem contribuindo para a manutenção dessa rica memória afro-brasileira, mantendo viva, seja através de registros, seja pela oralidade ou pelos trabalhos desenvolvidos com a comunidade e com a própria Irmandade, seja pelos rituais sagrados, essa Irmandade mantém presente à memória cultural afro-brasileira no seu cotidiano.

## Referências

CAMPOS, João da Silva. *Procissões tradicionais da Bahia*. 2º ed. Revisada. Salvador: EGBA, 2001.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. *A festa da Irmandade da Boa Morte e o ícone ortodoxo da Dormição de Maria*. Salvador: Zuk, 2002.

LODY, Raul. *Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte: pesquisa sócio-religiosa*. Rio de Janeiro: Ativa Gráfica, 1981.

NASCIMENTO, Luíz Cláudio Dias do. *Candomblé e Irmandade da Boa Morte*. Cachoeira: Fundação Maria Cruz, 1998.



NASCIMENTO, Luíz Cláudio Dias do, ISIDORO, Cristiana. *Boa Morte em Cachoeira*. Cachoeira: Arembepe, 1988.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERGER, Pierre Fatumbi. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Artigos*. São Paulo: Corrupio, 1992.

